

A CHARGE COMO UM (PRÉ) TEXTO PARA A LEITURA E A PRODUÇÃO TEXTUAL: A DESCRIÇÃO

SILVA, Sandro Luís (UNINOVE/SP)¹

RESUMO: Este trabalho objetiva socializar, a partir de experiência com alunos do primeiro semestre na disciplina Leitura e Produção de Texto no curso Administração de Empresa, uma atividade de leitura e de produção textual, usando como estratégia de leitura de uma *charge* (*Folha de São Paulo*, janeiro/2011). Depois da discussão sobre o texto descritivo, foi solicitada ao aluno a elaboração de um texto descritivo, valendo-se da *charge*, verbalizando, assim, o olhar para aquele texto, levando-os a pensar na leitura como uma forma de conduzi-los a um “saber-fazer”, refletindo sobre o texto que se constitui em uma prática discursiva que concretiza uma determinada formação ideológica.

Palavras-chave: leitura, descrição, produção textual.

LE CHARGÉ: UN (PRÉ) TEXTE POUR LA LECTURE ET DE PRODUCTION: LA DESCRIPTION TEXTUELLE

RÉSUMÉ: Le présent document vise à socialiser, à partir de l'expérience avec les étudiants du premier semestre dans la discipline la lecture et la production de texte dans l'administration des cours de société, une activité de lecture textuelle et la production, à l'aide en tant que stratégie de lecture d'un frais (*Folha de São Paulo*, Janvier/2011). Après la discussion sur le texte descriptif, il a été prié de préparer un texte descriptif à l'étudiant, de tirer parti de l'inculcation, verbalising, ainsi, c'est le regard à ce texte, les conduisant à penser de la lecture comme une forme de conduire à un "savoir-faire", reflétant sur le texte qui est une pratique discursives qui incarne une certaine formation idéologique.

Mots clés: la lecture, la description, la production textuelle.

Este texto objetiva compartilhar uma (breve) contribuição para a análise do suporte de gêneros textuais, com ênfase em *charges* em sala de aula nos cursos superiores, gênero que pode levar aos alunos à leitura crítica de mundo e à produção de textual, em que sejam capazes de registrar, por escrito, não só o olhar para uma dada realidade, como também possibilitar ao leitor a construção de um *ethos* desse produtor. Será feita análise de uma atividade desenvolvida com alunos do primeiro semestre do curso de Administração, a partir do trabalho com a *charge*. Evidentemente que nada aqui proposto é conclusivo, mas apenas uma “provocação” para futuras reflexões sobre o trabalho com a leitura e a produção de textos nos diferentes cursos superiores de formação inicial em aulas de língua portuguesa. Pactuamos com a idéia de que as aulas desta disciplina (ora chamada de Língua Portuguesa, ora Comunicação e Expressão, ora Leitura e Produção de textos, de acordo com cada Instituição de Ensino Superior) precisa vislumbrar um caminho em que sejam possibilitadas as oportunidades de um trabalho com língua(gem) para fins específicos.

O pressuposto, neste momento, é de que há necessidade de se (re)pensar em estratégias de leitura e produção, no processo de ensino-aprendizagem, que levem o aluno a se tornar um sujeito ativo na sociedade em que vive. Nesse sentido, afirmamos que é importante dispor de elementos empíricos para evidenciar a validade das posições defendidas, uma vez que os gêneros se dão solidificados em linguagem e são visíveis no processo de comunicação.

Ao nos referirmos aos gêneros textuais, não podemos desprezar a questão relacionada aos suportes. Assim, faz-se necessário observar que desde a Antigüidade os suportes textuais diversificaram, passando pelas paredes interiores de cavernas, à pedrinha, à tabuleta, ao pergaminho, ao papel, ao *outdoor*, para finalmente entrar no ambiente virtual da *Internet*, que não entra no âmbito da proposta deste trabalho, mas que é imprescindível abordar.

Dessa forma, salientamos a importância de um suporte em sala de aula ao trabalhar com gêneros textuais, uma vez que este é relevante para que o gênero textual circule na sociedade e influencie na natureza do

¹ Professor de língua portuguesa na Universidade Nove de Julho, São Paulo, capital. Email: vitha75@gmail.com

gênero suportado no processo ensino-aprendizagem, com o intuito de melhorar o ensino, levando ao aluno a criticidade.

Este texto procura relatar uma experiência pedagógica com a leitura de uma *charge* veiculada na *Folha de São Paulo*, em janeiro de 2011, com o intuito de mostrar que, de um lado, os textos que circulam na mídia formam opinião e influenciam em decisões políticas importantes para o país. Por outro, abrem espaço para a discussão sobre temas variados e, no caso da sala de aula, promove a construção de diferentes discursos diante de um determinado assunto, levando o aluno vislumbrar possíveis caminhos para a construção de textos que demonstrem seu ethos para os interlocutores.

Na aula de Leitura e Produção de texto, nos cursos de formação inicial, independentemente da área – seja nas humanidades, na área de saúde, sejam cursos das exatas, é importante que seja dada ao aluno a oportunidade de posicionar-se criticamente diante da realidade e isso ocorre por meio da linguagem que estabelece a interação entre sujeitos.

A discussão deste artigo tem como base a teoria dos gêneros desenvolvida por Bronckat (2003), Bakhtin (2003) e as idéias de Kleiman (1992) sobre leitura.

De acordo Bakhtin (2003), todos os textos que são produzidos, sendo estes orais ou escritos, proporcionam um conjunto de características concernentemente estáveis, tendo-se ou não consciência delas. Essas características configuram diferentes tipos ou gêneros textuais que podem ser identificados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo.

Vale ressaltar que, quando pensamos em gênero textual no processo de comunicação, a opção do gênero não é inteiramente automática, uma vez que se leva em consideração um conjunto de elementos essenciais que interferem (in)diretamente no processo de comunicação.

Não se pode perder de vista que o ponto de partida para a discussão dos gêneros é Bakhtin, que afirma:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) (...). O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Assim sendo consideramos que gêneros textuais são os textos que se encontram em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas.

Enfim, considerando, então, a língua como uma atividade cognitiva e social (KLEIMAN, 1992), pode-se afirmar que ela é variável, é heterogênea e está sempre situada em contextos de uso. Dentro do processo de comunicação, a leitura é essencial. Leitura entendida como um processo que transita entre o cognitivo e o social. Ou seja, quando pensamos na sala de aula, a leitura de um texto só será significativa para o aluno se ele vislumbrar, ao ler o texto, as possíveis ligações com sua realidade.

Pensar no ensino de língua portuguesa no contexto da universidade, hoje, é pensar nas várias possibilidades de se (re)criar situações de comunicação em que os estudantes possam exercitar as diferentes língua(gens) de que se valem no dia a dia. Cabe ao curso superior oferecer condições facilitadoras para o processo de comunicação aos futuros profissionais, para que eles exerçam de forma consciente e crítica as atividades no mercado de trabalho. E isso ocorre, como sabemos, por meio da linguagem. Trabalhar os vários gêneros, nas diferentes tipologias, é fazer da sala de aula um espaço democrático em que diferentes linguagens convergem para um mesmo objetivo: comunicação competente.

Dentre os diversos gêneros textuais em que aparecem diversas linguagens que fazem parte do mundo contemporâneo, existe a *charge*, em que é possível perceber a linguagem escrita e a linguagem visual em permanente interação. As *charges* vêm se solidificando como um gênero bastante significativo de difusão cultural e de formação educacional para pessoas de diferentes faixas etárias.

O gênero *charge* constitui-se em uma crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a percepção do autor da *charge*. Ela caracteriza-se por um combinado entre linguagem verbal e não verbal. Sem dúvida, ao apresentar essa junção entre as linguagens, acaba por absorver a caricatura em seu ambiente ilustrativo, além do humor, é claro.

A leitura de *charge* é um exercício que exige muito do leitor e que não se limita a uma simples decodificação, pois ele (o leitor) precisa estar “atenado” na realidade para poder apreender o sentido do gênero *charge*. Ela é efêmera, mas, sem dúvida, um gênero capaz de despertar a conscientização do leitor para realidade em que está inserido.

Por ser um tipo de texto eclético, a *charge* propicia a interdisciplinaridade e, assim, torna-se um gênero muito importante para se trabalhar leitura e produção de textos em cursos superiores, pois leva o aluno a transitar entre os diferentes conhecimentos, privilegiando, se preciso, a área de atuação do aluno. Nesse sentido, leitura de texto abarca um exercício de conscientização no exercício da cidadania. Neste aspecto, a “leitura” das *charges* de maneira competente contribuirá para desenvolver a competência leitora do aluno universitário, despertando-o para os problemas no contexto social em que está inserido.

Partindo da premissa de que este trabalho tem por objeto o uso das *charges* nas aulas de leitura e produção de texto no curso de Administração, com alunos do primeiro semestre, acreditamos ser pertinente discutir as características destas enquanto texto de circulação social, com a função de produzir crítica de caráter, principalmente, político. Vale lembrar que a ementa do curso² indica:

O curso articula leitura e produção textual como instrumento para o desenvolvimento das capacidades de linguagem oral e escrita, explorando estratégias do agir com gêneros textuais em diferentes situações sócio-comunicativas no âmbito empresarial com temas políticos, sociais e econômicos aderentes à área específica da carreira, associando características do desenvolvimento do raciocínio lógico ao discurso (Programa de Ensino da Disciplina Leitura e Produção Textual).

Julgamos que o trabalho com a *charge* possibilita ao aluno o desenvolvimento de suas competências comunicativas, pois se trata de um gênero textual que necessita da articulação não só da estrutura – linguagem verbal e não verbal, como também o temático. Na verdade, o texto apresenta figuras que representam temas dentro de um dado contexto. Neste estudo não se tem a pretensão de esgotar todo o assunto, mas socializar uma experiência desenvolvida em uma aula de leitura e produção textual.

Foi o texto abaixo, retirado da *Folha de São Paulo*, publicado em janeiro de 2011, serviu de objeto de atividade de leitura e de produção de texto:

Figura 1

² Trata-se da ementa retirada do programa da disciplina de Leitura e Produção de Texto de uma Instituição de Ensino Superior da cidade de São Paulo. Por motivos éticos, não foi divulgado no nome da IES.



Fonte: *Folha de São Paulo*, janeiro de 2011.

Quando pensamos no processo de leitura, é preciso considerar que o sentido do texto, no caso da *charge*, sofre alteração tendo em vista o contexto não só da produção como também da recepção dele, o que acaba por provocar uma atitude ativa do leitor face ao texto, fazendo-o sujeito de seu discurso. É necessário, ainda, levar em consideração todo o repertório dos leitores. Pensar na leitura, é pensar num processo em que acontece uma interação entre texto e leitor. E é nessa interação dialógica que ocorre o entendimento da crítica contida no discurso da *charge*, a qual se realiza por meio de alguns recursos retóricos, como a sátira, ironia, zombaria, e outros recursos linguísticos e gráficos visuais presentes na *charge*. Como afirma Bakhtin & Volochinov (2004, p. 132): “compreender é opor à palavra do outro a uma contra-palavra”. É nesse ponto de vista teórico que se compreende a leitura da *charge* como uma prática social, na concepção que nos passa Kleiman (1992), quando trata do assunto da leitura.

A partir da *charge* proposta, foram realizadas duas atividades aos sujeitos desta pesquisa: o exercício de leitura da *charge*, observando discurso presente nela e a escrita de um texto descritivo. Neste contexto, há a contra-palavra, ou seja, a resposta dos alunos às atividades de leitura da *charge* proposta, o seu posicionamento diante do conteúdo temático e das sátiras ao momento atual político-social norte-americano. A atividade descrita neste texto ocorreu em quatro horas/aula. Consistiu na descrição dos elementos que compõem a *charge*. Por que a tipologia descritiva? Nossa resposta volta-se para a necessidade dos alunos perceberem as coisas, as pessoas, enfim, os seres que estão ao seu redor; a partir dessa observação serão capazes de se posicionarem criticamente por meio de opiniões, idéias, argumentos, enfim, só é possível argumentar sobre algo que conhecemos. E o texto descritivo traz essas características.

Para ilustrar a atividade desenvolvida, selecionamos, aleatoriamente, 03 textos que podem mostrar como os alunos se posicionam diante de um texto, quais os recursos que (não) utilizam para a articulação da descrição e, evidentemente, observar qual a visão de mundo que evidenciam, levando o leitor a construção do *ethos* do produtor textual. Em relação ao *ethos*, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 220) consideram que o termo emprestado da retórica antiga designa

A imagem de si que o locutor constroi em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso no que se refere às modalidades verbais da apreensão de si na interação. O *ethos* faz parte, como o *logos* e o *pathos*, da trilogia aristotélica dos meios de prova. Adquire em Aristóteles um duplo sentido: por um lado designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais quais a prudência, a virtude e a benevolência; por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social. Nos dois casos trata-se da imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real.

Lembramos que os sujeitos que participaram desta atividade são trabalhadores-alunos, residentes nas mais variadas regiões da cidade de São Paulo, de classe média-baixa, procedentes da escola básica pública do

Estado de São Paulo. No decorrer do início das aulas, foi feita uma diagnóstica com eles e constatamos uma série de dificuldades em relação à articulação de um texto, em manter uma ordem lógica, obedecer à norma culta de acordo com os diferentes gêneros textuais. Julgamos importante esta observação para que seja contextualizado o universo em que estão inseridos esses alunos. Analisemos, então, os três textos escolhidos.

O primeiro texto selecionado tem como título “Personalidades norte-americanos”. O aluno escreveu:

Quatro personalidades norte-americanos discutindo sobre o atual cenário político americano, sendo três deles as personagens das famosas histórias em quadrinhos: o homem-aranha, o Batman e super homem que vestidos com roupas engraçadas lutam em prol da justiça. Já o outro vestido de terno, é o homem que atualmente exerce o cargo máximo de seu país o presidente Barak Obama.

Observamos que o autor do texto atende parcialmente à proposta, pois não consegue detalhar, como foi pedido na atividade, cada uma das personagens. No entanto, podemos inferir que ele consegue associar a *charge* aos super-heróis da história em quadrinhos, quando remete à idéia de “justiça”. Esses personagens constituem a “Liga da Justiça”, dentro do mundo ficcional. O leitor acaba por construir o ethos do produtor do texto como uma pessoa que não tem o total domínio da língua na variante culta (como aponta a escrita de “vestidos”, por exemplo), como também a pontuação, mas de uma pessoa que possui um olhar crítico para a realidade, ao registrar o “de roupas engraçadas”. Infere-se que ele percebe, sem registrar, a presença da ironia, marca do gênero textual *charge*.

De acordo com Fiorin (2003, p. 32),

A cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística.

Assim, é lícito dizer que o texto acaba por registrar a visão de mundo de um “eu” que se manifesta verbalmente no texto. Ao escrever a descrição, os alunos manifestam, através de seu discurso, a sua formação ideológica, ou seja, suas crenças, suas visões de mundo, seus diferentes olhares para a realidade, revelando o seu modo de ser, seu *ethos*.

O segundo texto cujo título é “Perfil internacional” traz a seguinte redação:

A charge apresenta os 4 personagens influentes em nível oficial: Barack Obama, o sorridente da charge, representa o simpático, cativante atual presidente eleito dos Estados Unidos. Os três coadjuvantes são: homem aranha, batiman e super men. Os 4 estão lendo um texto cujo o tema é Equipe de governo.

Assim como o texto 1, atende parcialmente à proposta, pois o autor do texto atém-se a algumas características do presidente Obama. Interessante observar que ele utiliza adjetivos que remete muito mais ao mundo interior do presidente (“simpático”, “cativante”) do que ao aspecto físico. Em relação às demais personagens, ele apenas faz citação do nome. Não podemos deixar de registrar que, embora o aluno atinja a tipologia da descrição, apresenta alguns problemas na articulação das frases, desviando-se da norma culta da língua portuguesa. Ao olhar deste aluno, sobressai-se muito mais a ação do que a descrição propriamente dita.

Pensando na *charge* como gênero textual, podemos nos remeter a Marcuschi (2005), para o qual os gêneros textuais, como práticas sócio-históricas, se compõem como atividades para atuar sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. Nesse sentido, os autores dos textos acabam por se posicionar diante da *charge*, expressando sua visão de mundo a partir dos problemas econômicos e sociais por que passa(va)m os Estados Unidos naquele momento da publicação da *charge* e que fora noticiado em todos os meios de comunicação do mundo.

“Heróis da mentira” é o título do texto 3 cujo autor escreveu:

Encontra-se na figura 4 personagens que fazem parte da equipe de governo, uma espécie de Liga da Justiça. Seus nomes: Homem Aranha, Barack Obama, Batman e Super Man. Todos estão colocados em forma de caricatura. Por exemplo, Super Man e Batman são gordos, altos, com mão na cintura. Batman com cara rosa, homem aranha pequenino, com corpo desproporcional, eles tem os rostos grande e estão sorrindo.

Dentre os 3 textos selecionados para este estudo, este foi o texto que mais se aproximou da proposta em relação à descrição. O autor percebeu traços da caricatura (*Batman com cara rosa*), (*homem aranha pequenino, com corpo desproporcional*) e, conseqüentemente, da *charge*. Conseguiu adequar a língua nos princípios fundamentais do texto descritivo, valendo-se de adjetivos que caracterizam as personagens.

Pela breve análise que apresentamos, é possível lembrarmos que a linguagem se estabelece na interação entre sujeitos, assim sendo, na sala de aula houve a possibilidade do aluno não só desenvolver a habilidade de leitura e produção textual, como também se fazer sujeito ativo na construção de um texto, mobilizando seu repertório lingüístico, social, cultural, político etc, para evidenciar seu olhar para a realidade. Sem entrar em detalhes, porque não é foco deste trabalho, mas podemos registrar que este trabalho foi efetivado numa perspectiva sociointeracionista fundamentado em teorias lingüísticas e discursivas.

Considerando que vivemos em plena Era de Comunicação e Informação, não podemos nos valer da sala de aula, durante as aulas de leitura e de produção textual, apenas da interpretação estável, universal, nem mesmo de alunos-leitores com olhares simplistas, técnicos. É preciso desenvolver nos alunos a capacidade de leitura crítica, que leve o aluno ao desenvolvimento de habilidades que sejam capazes de conduzi-lo a uma leitura crítica do mundo, de textos verbais e não-verbais, para que possa construir um juízo de valor a partir de suas experiências.

Estamos num momento em que a competência leitora é cada vez mais exigida, seja no espaço universitário, seja no mercado de trabalho, que tem se tornado mais exigente e seletivo. Hoje, exige-se de todo profissional a competência comunicativa e o domínio e diferentes linguagens nos diversos espaços sociais.

O trabalho com língua portuguesa nos cursos de formação inicial não podem fugir desta realidade; precisam oferecer aos alunos meios que os levem a “pensar-se” no mundo como sujeitos ativos, atuantes, críticos e agentes. Ao trabalhar com o gênero textual *charge* na sala de aula do curso superior, parte-se do pressuposto de que os alunos serão levados a (re)ativar todas as informações que possuem e compartilharão com os pares, levando o Outro a construir um ethos a partir da construção de seu discurso.

Como afirmamos, o discurso caracteriza-se por uma esfera predominantemente social. Assim, uma formação discursiva não é um espaço fechado; ela não pode ser buscada na sua relação consigo mesma, mas em uma análise que coloque em foco o primado do interdiscurso, isto é, o que estrutura a análise é a relação de uma formação discursiva com outras formações discursivas com as quais dialoga e/ou polemiza.

Observando os textos produzidos pelos alunos, podemos considerar que há um claro posicionamento dos alunos diante do texto, registrando a voz desse autor em consonante diálogo com a realidade, em busca de uma compreensão do texto em interação com o mundo. Constatamos que houve um posicionamento dos alunos. E tudo isso por meio da língua(gem).

Referências:

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2004
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ, 1999.
- CHARAUDEU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1992.

MARCHUSCHI, L. A. “Gêneros Textuais” in DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R., & BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & Ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARINGONI, G. *Humor da charge política no jornal. Comunicação & Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

ROMUALDO, Carlos Edson. *Charge Jornalística e – Intertextualidade e Polifonia*. Maringá: EDUEM, 2000.